

Horizontalidades e Verticalidades na Agenda Ambiental da Mídia: Uma Análise da Cobertura Sobre Queimadas no Distrito Federal em 2024¹

Louise de Miranda Vasconcelos²

Lauro Almeida de Moraes³

Vinicius Sodré Maluly⁴

Universidade de Brasília - UnB

RESUMO

O Cerrado passou por um severo período de estiagem entre 2023 e 2024. No Distrito Federal, órgãos oficiais registraram número recorde de ocorrências para combate a incêndios florestais. Este trabalho tem como objetivo central produzir uma cartografia da notícia acerca dessas queimadas em 2024, analisando-as sob o viés dos conceitos de horizontalidade e verticalidade de Milton Santos. Como objeto, concentrou-se na agenda ambiental dos portais Metrôpoles, Correio Braziliense e Brasil de Fato. Por meio da agenda setting e da análise de conteúdo, traz resultados acerca da temporalidade da agenda ambiental, enquadramento das notícias, tipos de impactos e soluções levantadas, elementos visuais empregados e espacialização das notícias e dos focos de incêndio. A sobreposição desses mapas indica uma cobertura midiática desigual, privilegiando áreas centrais em detrimento de regiões periféricas e rurais, mais impactadas pelas queimadas.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia da notícia; agenda ambiental, queimadas; incêndio florestal; Milton Santos.

INTRODUÇÃO

Em 2024, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)⁵, registrou o maior número de focos de incêndio no Brasil em comparação com os últimos 10 anos. Naquele ano, ao abrir sites jornalísticos que abordam o bioma Cerrado, é possível deparar-se com notícias informativas e imediativas sobre degradação ambiental, principalmente incêndios florestais. A sua cobertura reflete valores-notícia que dominam os assuntos da contemporaneidade.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT04CO – Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente em cenário de desinformação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

²Aluna Formanda do Curso de Comunicação Organizacional da FAC-UNB, email: contratalouise@gmail.com

³Professor do Departamento de Jornalismo da FAC-UNB, email: lauro.moraes@fac.unb.br

⁴Professor do Curso de Geografia da GEA-UNB, email: vmaluly@gmail.com

⁵Programa Queimadas. Monitoramento dos Focos ativos por Países. Disponível em: https://terrabilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/estatisticas/estatisticas_paises/.

Este tipo de informação veiculada pelos meios de comunicação levanta questões sobre as complexidades da pauta ambiental: especificamente no que tange às queimadas, foco desta investigação, quais são suas implicações mais amplas e como são representadas na esfera midiática? Portanto, cabe analisar a interrelação entre a cobertura das queimadas no Cerrado e as fontes de informação, as dinâmicas de poder envolvidas e a agenda temática da imprensa.

Este trabalho tem o objetivo de produzir uma cartografia da notícia a partir da análise da cobertura jornalística sobre queimadas no Distrito Federal em 2024. Toma como objeto os portais Metrôpoles, Correio Braziliense e Brasil de Fato, investigando de que forma constroem a narrativa sobre essa temática. Para isso, identificamos características de cada veículo e a espacialidade de sua respectiva cobertura ambiental (temporalidade ao longo do ano, focos de incêndio, locais noticiados, elementos visuais, soluções levantadas).

O viés analítico é perpassado pelas abordagens horizontais e verticais, consoante concepção territorial de Milton Santos. Neste sentido, delineamos o fluxo de informações entre vetores descentralizadas (horizontalidades) e vetores intencionais (verticalidades) que impactam a abordagem do tema das queimadas.

POR UMA GEOGRAFIA DA MÍDIA

A imprensa desempenha um papel essencial na formação da opinião pública, influenciando a percepção social sobre quais temas são prioritários. De acordo com a Teoria da Agenda de McCombs (2009), ao destacar certos temas e negligenciar outros, a mídia orienta os assuntos aos quais a sociedade dedica atenção, sem, no entanto, impor diretamente o que as pessoas devem pensar. Portanto, atua como um filtro da realidade, selecionando e enquadrando os eventos externos, que o público internaliza como a realidade.

A obra de Milton Santos dialoga com este contexto, especialmente no que tange ao desenvolvimento técnico-informacional e às dinâmicas territoriais da circulação da informação (Moraes, 2023). A forma como os meios de comunicação social selecionam, estratificam e divulgam a informação reflete a dinâmica de poder em relação aos conceitos de horizontalidade e verticalidade propostas por Santos (1996).

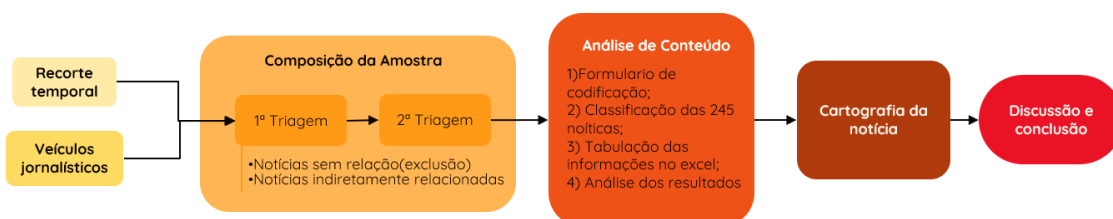
Nesse sentido, podemos compreender a horizontalidade como áreas de contiguidade, conectando locais adjacentes por meio da continuidade territorial (sem limitar-se ao aspecto físico). A análise das relações sociais sob o viés das características horizontais pode revelar-se nas formas de resistência, de diálogo e de integração que buscam diminuir desigualdades. Já a verticalidade é formada por pontos distantes conectados por diferentes formas e processos sociais. As relações discursivas que reforçam a discriminação, a exclusão social e a subordinação podem ser vistas como um reflexo da verticalidade, em que há uma clara diferenciação entre os grupos sociais, evidenciando desigualdades.

Com efeito, a relação entre mídia, agenda pública e questões ambientais não é neutra, mas estruturada por dinâmicas de poder que determinam quem fala, o que é dito e como a informação circula. Compreender essas interações a partir dos conceitos de horizontalidade e verticalidade permite uma leitura crítica da cobertura noticiosa sobre temas ambientais, evidenciando interesses subjacentes e possibilidades de resistência e transformação.

METODOLOGIA

O aumento de focos de incêndio no país motivou o recorte temporal do estudo. Partiu-se, então, para seleção dos portais de notícias a serem investigados. Conclui-se que Metrôpoles, Correio Braziliense e Brasil de Fato permitiriam comparar diferentes perspectivas e abordagens sobre o tema, além de analisar a evolução temporal e as diferentes orientações editoriais presentes nas reportagens. A partir daí, houve a seleção da amostra, consoante o fluxograma (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma dos procedimentos metodológicos



Fonte: os autores.

A amostra foi formada por meio de uma triagem inicial com base em dados do *Google* e palavras-chave específicas. Uma segunda triagem excluiu notícias não

relacionadas a incêndios ou queimadas florestais. A análise de conteúdo, incluiu a criação de um formulário de codificação, com a classificação de 245 notícias, a tabulação dos dados e a análise dos resultados. Além disso, para compor a cartografia da notícia, as informações sobre os locais mencionados nas notícias foram processadas no *software* QGIS⁶, a fim de espacializar as ocorrências. Os dados dos focos de incêndio de 2024, extraídos do BDQueimadas⁷, foram sobrepostos para complementar a análise.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

As dinâmicas de horizontalidade e verticalidade na mídia já se revelam pela proposta de cada veículo: o portal Metrôpoles insere-se como um meio digital focado em notícias locais e nacionais, mas com caráter de comunicação massiva globalizante, enquanto o Correio Braziliense mantém uma relação mais estreita com realidades locais e o Brasil de Fato com questões sociais.

Nos três portais, observa-se uma concentração de notícias no mês de setembro, período marcado pelo pico da estação seca no Cerrado. Isso reflete o foco da mídia em eventos de impacto local e imediato, alinhando-se à lógica da Teoria da Agenda. Tal abordagem contrasta com a perspectiva de que é papel da imprensa viabilizar a informação sobre os riscos climáticos a fim de que a população não esteja vulnerável a situações previsíveis. Loose (2024) propõe que as ações midiáticas devem ser realizadas de forma contínua em três momentos: antes (prevenção), durante (evitar novas crises) e depois (reconstrução) de um desastre. Contudo, nos portais analisados há cobertura noticiosa, notoriamente, prioriza os momentos de crise imediata, negligenciando as etapas de prevenção e reconstrução.

As fotografias utilizadas também são bastante semelhantes, com cenas de incêndios na vegetação, fumaça densa, baixa visibilidade, bombeiros e brigadistas, além da destruição de habitats da fauna. A repetição desses elementos pode gerar um efeito ambíguo: ao mesmo tempo em que reforçam a narrativa visual da catástrofe, também levam a uma certa banalização do tema. Essa dinâmica se alinha à reflexão de que a natureza é tratada como um "evento" em tempo real, intensificado por tecnologias móveis

⁶ Sistema de código aberto e gratuito, utilizado para visualizar, editar, analisar e gerenciar dados geoespaciais.

⁷ Mantido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), é banco de dados online que armazena informações sobre queimadas no Brasil.

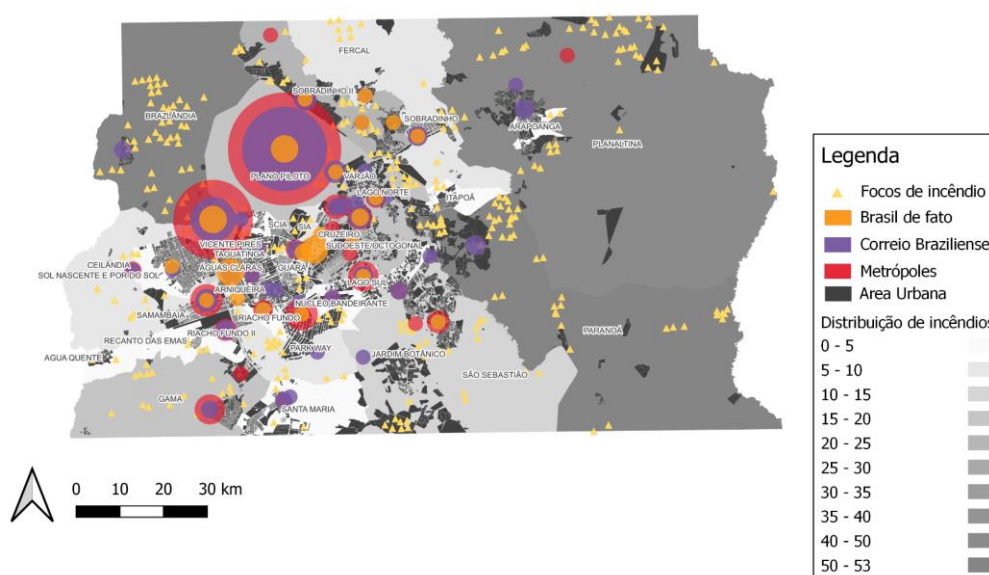
e plataformas digitais (MCKIBBEN, 1989). A crise climática, portanto, deixa de ser um problema distante, tornando-se cada vez mais local e pessoal. Os lugares experimentam essa tensão entre suas realidades locais e as forças que atuam em escalas maiores de acordo com Santos (2002), moldando sua experiência da crise climática.

Outro fato notável é que, no Metrôpoles, há recorrência de publicação de vídeos aleatórios para a criação de notícias, sem que haja uma articulação com autores ou fontes originais. Essa prática reflete uma tendência observada por Franciscato (2004), em que a reutilização de conteúdo sem a devida contextualização ou atribuição pode levar a uma superficialidade na cobertura jornalística, além de desconsiderar a importância da colaboração e do diálogo com as fontes originais.

O mapa (Figura 2) representa 349 focos de incêndio registrados em 2024, distribuídos pelas 35 Regiões Administrativas (RAs) do DF. As áreas foram classificadas em 10 intervalos de cores, com as mais escuras indicando maior concentração de queimadas. A análise revelou uma distribuição desigual dos incêndios e da cobertura midiática. Embora Brazlândia, Paranoá e Planaltina apresentem alta incidência de incêndios, essas regiões não receberam atenção noticiosa.

As RA's mais frequentemente mencionadas são o Plano Piloto, especialmente o Parque Nacional de Brasília, e Taguatinga, com destaque para a Floresta Nacional (FLONA). A mídia contribui para a construção simbólica do território, destacando algumas áreas enquanto negligencia outras, perpetuando desigualdades (Ascelrad, 2010).

Figura 2 – Cartografia da notícia sobre queimadas no DF - 2024



Fonte: os autores

De modo geral, o Brasil de Fato adota uma perspectiva mais crítica e alinhada com as dinâmicas locais, em contraste com a abordagem mais distante e globalizante de outros veículos. Neste sentido, destaque-se a própria menção ao Cerrado em 66% de suas reportagens sobre queimadas, enquanto o Metrôpoles menciona em 9% e o Correio Braziliense em 18%. A menor ênfase no Cerrado pode obscurecer a complexidade territorial dos incêndios, dificultando a compreensão das causas e consequências socioambientais, alinhando-se à ideia de verticalidade de Milton Santos, que sugere um distanciamento da realidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia local desempenha um papel crucial na sensibilização do público e na formação da opinião pública sobre questões ambientais, mas ainda há lacunas na abordagem de aspectos preventivos e de longo prazo. Enquanto veículos como o *Brasil de Fato* tendem a adotar uma abordagem mais local e crítica, outros, como o *Metrôpoles* e o *Correio Braziliense*, refletem uma maior influência de agendas globais e corporativas. A análise cartográfica das notícias evidenciou uma desproporção na cobertura midiática, com áreas centrais e de maior visibilidade recebendo mais atenção, enquanto regiões periféricas e rurais, que são as mais afetadas pelos incêndios, têm uma cobertura menor. Isso sugere a necessidade de uma abordagem mais equilibrada e abrangente, que dê visibilidade a todas as regiões afetadas. A menção direta ao bioma Cerrado foi mais frequente no site *Brasil de Fato*, refletindo uma abordagem mais crítica e territorial. Já os sites *Metrôpoles* e o *Correio Braziliense* mencionaram menos o bioma, o que pode indicar uma desconexão com a realidade local e uma tendência a abordagens mais genéricas ou globais. O jornalismo ambiental representa um desafio, pois necessita equilibrar a cobertura de eventos imediatos com abordagens preventivas e educativas. O viés espacial da mídia não apenas influencia a aquisição, transmissão e controle da informação nos territórios, mas também media relações de poder e conhecimento, contribuindo para a transformação do espaço. Assim, a catástrofe ambiental se desdobra também na comunicação, como afirma Moraes (2023) “a comunicação produz espaços, os espaços produzem comunicação.”

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos avançados** n. 24, v. 68. p. 103-119 2010.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda**: a mídia e a opinião pública. São Paulo: Vozes, 2009.

McKIBBEN, Bill. **The End of Nature**. Nova York: Anchor Books, 1989.

MORAES, Lauro. Análise espacial de territórios midiaticizados: aplicações teórico-metodológicas por meio da Geografia da Comunicação. In: PÔRTO JR., Gilson; ORMANEZE, Fabiano (Orgs.). **Pesquisa em Jornalismo**: entre a emergência de um campo e a interdisciplinaridade. Palmas, TO: Observatório Edições, 2023, p.65-71.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: USP, 2002. p. 84-91; p.190-195.

SANTOS, Milton. Horizontalidades e verticalidades. In: SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2006 [1996].